



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

USO DE CONTEÚDO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM SUBSÍDIO À INTRODUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA AS SÉRIES INICIAIS

Adalgisa Aparecida da Silva

Faculdade Anhanguera de Taubaté
acatelani@gmail.com

Resumo

O presente trabalho versa sobre a importância do ensino de conteúdos geográficos na educação infantil, uma prática que muitas vezes é deixada de lado pelos professores com a ideia de ser menos importante que as outras. Os conteúdos de geografia fornecem inúmeros meios para se obter uma aprendizagem integral, não na forma de disciplina própria mas integrando-a às outras disciplinas e desencadeando um conjunto de conhecimentos no processo de ensino aprendizagem e possibilita aos alunos uma visão mais ampla do mundo, pois abrange diversos assuntos que o professor poderá explorar no sentido de desenvolver o aspecto cognitivo desde os primeiros anos na educação escolar. Nesse contexto, o presente trabalho desenvolveu uma análise de materiais com conteúdos geográficos que os professores poderiam utilizar em sala de aula e proporcionar aos pequenos educandos um raciocínio espacial nas práticas sociais cotidianas, principalmente se ministrados através de atividades lúdicas, como músicas, quebra-cabeças, festas folclóricas, brincadeiras de roda e outras, possibilitando uma compreensão inicial de como situar-se no espaço geográfico. Assim, observou-se como resultados que pequenas alterações nos materiais já utilizados na educação infantil essas atividades podem contribuir de forma significativa no processo de aprendizagem dos alunos para que posteriormente não encontrem dificuldades na disciplina ou sintam desprazer em sala de aula. Dessa forma, faz-se necessário o comprometimento do docente, principalmente da educação infantil em promover uma aula prazerosa com intuito do desenvolvimento integral, na formação do cidadão como um todo, e proporcionando aos pequenos educandos uma interação com o meio em que vivem.

Palavras-chave: Educação infantil, Didática, Conceitos geográficos.

Introdução

Dentre os principais desafios em sala de aula na educação infantil, a compreensão e a visualização dos elementos geográficos e de orientação no espaço, associados aos temas ambientais, figuram como um grande desafio ao professor, considerando-se o alto grau de dificuldade de assimilação dos conteúdos geográficos nas séries iniciais, tal como se observa em sala de aula. A simples identificação das estruturas físicas de uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

determinada escola proporciona aos pequenos educandos um grande avanço na compreensão do espaço geográfico, que inicialmente se dá intramuros da escola e evoluem para o ambiente externo, as ruas, o quarteirão, o bairro, a cidade e assim sucessivamente. Nesse contexto, a adoção de conteúdo geográfico na educação infantil, associado à motricidade e lateralidade são fundamentais para que os alunos iniciem a formação do conceito de espaço e lugar, ainda que de forma inconsciente e associativa, permeada de percepção e mensuração do espaço, quer seja pela distância e direção percorridas numa brincadeira de esconde-esconde ou nas brincadeiras de roda.

A paisagem percorrida de casa até a escola deve ser capitalizada pelo professor como elemento de fixação de conceitos direcionais e da noção de distância e tempo de trajeto. Com frequência, alunos das séries iniciais desconhecem a direção de suas casas em relação à escola, além da dificuldade dos professores nas séries iniciais de abordar os conteúdos geográficos, com reiterados pontos equivocados, tanto na rede pública quanto privada, o que é particularmente grave, visto que a geografia está presente na vida cotidiana e se constitui num importante elemento de organização coletiva e individual. A percepção crítica na educação infantil se dá através de ícones e símbolos, pela utilização de instrumentos de repetição e sedimentação do conhecimento, atos diários como a observação do tempo (clima), se está chuvoso ou ensolarado, leva a criança a compreender as variações de temperatura em relação ao dia ensolarado ou chuvoso. Assim, a adoção de conteúdos geográficos na educação infantil pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo relacionado à noção de espaço e lugar, bem como na otimização do aprendizado nas séries iniciais, visto que se observa uma acentuada dificuldade de assimilação dos alunos quanto aos elementos geográficos. De acordo com Freire (2001), a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório, e sim construída socialmente de modo que a criança vai ampliando o seu espaço vivido concretamente.

A capacidade de perceber o seu redor e a possibilidade de uma representação é um estímulo para que a criança desenvolva a curiosidade e o entendimento do que acontece no seu cotidiano, e não ser simplesmente um espectador dos acontecimentos. No início da escolarização o ensino da geografia busca a construção do conhecimento como forma de fazer a leitura do mundo através da leitura do espaço.

Castelar (2000), afirma que o aprendizado da criança é também complexo e amplo, assim, é imprescindível pensar como ela aprende e que significados dá ao espaço, como desenvolve essa noção, a partir da sua vivência e do desenvolvimento do seu pensamento. Importa nesse contexto compreender o significado de saber ler o espaço, e assim toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive consiste-se no mecanismo instigador de novas descobertas (CASTELAR, 2000). Tais descobertas podem se relacionar com as questões de sua própria experiência vivida, as relações entre as várias pessoas do lugar, ou a questões específicas do ambiente. O importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Freire (2001a), um lugar é sempre cheio de história e demonstra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza. Por exemplo, nas palavras do próprio.

"Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?"

Para Freire (2001b), mudar a prática tradicional da sala de aula, não é possível apenas com a vontade do professor, faz-se necessário que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo. O professor, as suas concepções de educação e de geografia, é que podem fazer a diferença, e é a integração dos saberes (MARQUES, 1993) que pode permitir esse avanço.

O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona (REGO, 2000). A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta. E, no nível de ensino em que a criança está processando a sua alfabetização, o ideal seria que houvesse uma unidade em que se supere a fragmentação das disciplinas e das responsabilidades, em práticas orientadas por e para linhas e eixos temáticos e conceituais interdisciplinares, não apenas uma justaposição de disciplinas enclausuradas em si mesmas, mas de uma maneira que, em cada uma se impliquem as demais regiões do saber (MARQUES, 1993).

Nesse caminho em que tudo leva a aprender a ler e a escrever, acreditamos que seja fundamental a interligação de todos os componentes curriculares, se somando na busca do objetivo. Mas numa trajetória em que o conteúdo seja, em especial, o mundo da vida dos sujeitos envolvidos, reconhecendo a história de cada um e a história do grupo, combinando a cadeia dos conceitos e categorias de análise com a trama das experiências e da cultura mesma do grupo envolvido (MARQUES, 1993). Sem dúvida, partindo do lugar, considerando a realidade concreta do espaço vivido. É no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar.

"Um lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo" (SANTOS, 2000).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao se partir de uma concepção de lugar, deve-se considerar que ele não se restringe aos seus próprios limites, nem do ponto de vista das fronteiras físicas, nem do ponto de vista das ações e suas ligações externas, mas que um lugar comporta em si o mundo. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (SANTOS, 2000).

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhar em volta, perceber o que existe, saber analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que acontece ao longo do tempo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos. Há que se pensar também no paradigma de educação capaz de acolher, ou de referenciar, esse tipo de análise.

Exige-se, em todos os estágios da prática educativa, que se combine a cadeia dos conceitos e categorias de análise com a trama das experiências e da cultura do mesmo grupo envolvido (MARQUES, 1993). É nesse contexto que a possibilidade desse cruzamento entre geografia e educação torna-se importante num mundo em crise, crise expressa, entre outros modos, nas concretudes do espaço vivido através dos quais as relações sociais se fixam geograficamente (REGO, 2000). Nos demais níveis de ensino, a questão de entrelaçar geografia e educação pode não aparecer com tamanha relevância, mas, nos anos iniciais, é impossível ela não ser considerada. E se, no exercício de pensar e procurar caminhos da geografia para as crianças fosse encontrada a chave para desvendar as possibilidades de construção de uma geografia escolar mais consequente? Seria uma reflexão interessante. Como fazer, então, para superar um ensino tradicional, e um professor igualmente tradicional, trabalhando com conteúdos alheios ao mundo da vida? Como trabalhar com a realidade sem seguir de forma linear as escalas, mas superpondo-as, interligando-as, para conseguir dar conta da complexidade do mundo? Como olhar o local com os olhos do mundo, como ver o lugar do/no mundo? Partindo dos pressupostos teóricos que balizam nossas concepções de educação e de geografia, como proceder para ensinar geografia na educação infantil, passa então a ser o desafio. E, sendo fiéis a esses referenciais, a busca deve estar centrada no pressuposto básico de que, para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo. Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 1988). Segundo Callai (2000), o espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida.

"O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser" (FREIRE, 2001).

Piaget apud Oliveira (1976), afirma que, em todos os níveis de desenvolvimento cognitivo, as informações, fornecidas pela percepção e também pela imagem mental, servem de material bruto para a ação ou para a operação mental. Por sua vez, essas atividades mentais exercem influência direta ou indireta sobre a percepção, enriquecendo e orientando o seu funcionamento, à medida que se processa o desenvolvimento mental. Isto é reafirmado por Simielli (2001) quando diz que a cartografia é um excelente meio de transmissão de informação, ignorando a prática de copiar mapas sem o objetivo de compreendê-los. A cartografia deve ser utilizada cotidianamente, pois ela facilita a leitura de informações e permite um domínio do espaço de que só os alfabetizados em cartografia podem usufruir. De acordo com Straforini (2001), ensinar geografia para alunos pequenos indica a possibilidade da construção de um novo mundo, não o mundo centrado apenas na mercadoria e no dinheiro, mas o mundo do deslumbre, da vivência e da compreensão de uma totalidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs ressaltam a importância dos estudos geográficos para a compreensão mais ampla de mundo e da realidade próxima, de maneira que os alunos possam sentir-se capazes e conscientes de praticar a cidadania plena, nessa linha Cavalcanti (2005) atenta para os questionamentos cognitivos no nível da absorção já postulados por Vygotsky (1993), no sentido investigativo.

"O que acontece na mente da criança com os conceitos científicos que lhe são ensinados na escola? Qual a relação entre a assimilação da informação e o desenvolvimento interno de um conceito científico na consciência da criança?" (VYGOTSKY, 1993).

Para refletir sobre o ensino de geografia, o raciocínio espacial é necessário, pois as práticas sociais cotidianas têm uma dimensão espacial, o que confere importância ao ensino de geografia na escola; os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido; o desenvolvimento de um raciocínio espacial conceitual pelos alunos depende, embora não exclusivamente, de uma relação intersubjetiva no contexto escolar e de uma mediação semiótica. Nesse sentido, o aluno é o principal elemento no processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento intelectual, social e afetivo e cabe ao professor mediar e favorecer esse confronto entre aluno e conteúdo.

De acordo com Zanatta (2005) o posicionamento crítico de Rui Barbosa fundamentou-se na proposta pestalozziana, segundo a qual deve-se ir do conhecido ao desconhecido, ou seja, partir dos lugares que cercam os alunos, tais como a sala de aula, a posição



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

relativa das coisas, como por exemplo as carteiras, o jardim e o pátio, até chegar à construção de uma carta geográfica. Por meio de exemplos, devem-se realizar definições de termos geográficos, sempre partindo do município para o estado, do estado para a região e, finalmente, para o país.

“o brincar, o jogo – o mais puro e espiritual produto dessa fase de menino durante esse período, é a manifestação espontânea do interno, imediatamente provocada por uma necessidade do inteiro mesmo [...] engendra alegria, liberdade, satisfação, e paz, harmonia com o mundo. Do jogo, emanam as fontes de tudo que é bom [...]. Esse período não é, pois, a mais bela manifestação da vida infantil em que a criança joga e se entrega intiramente ao seu jogo? [...]. Os jogos dessa idade são os germes de toda a vida futura, porque ali o menino se mostra e se desenvolve por inteiro em seus variados e delicados aspectos, em suas mais íntimas qualidades. Toda a vida futura do homem – até seus últimos dias sobre a terra – tem sua raiz nesse período ...” (FROEBEL, 2001).

Na concepção de Froebel (2001), precursor da educação infantil, todo o desenvolvimento futuro do ser humano será fortemente influenciado pelo aprendizado na infância, e a exploração dos conceitos geográficos, ministrados através de jogos e brincadeiras, não podem estar dissociados dos demais conteúdos, uma vez que eles se constituem elementos imprescindíveis na educação infantil e na formação do cidadão.

Metodologia

A metodologia empregada no desenvolvimento desse trabalho foi pautada na pesquisa bibliográfica, na exploração e análise de materiais comuns à cultura, estrutura social e folclore locais, com potencial de exploração de temas passíveis de serem utilizados como ferramentas didáticas de conteúdo geográfico na educação infantil. De forma a desenvolver o uso de conteúdo geográfico na educação infantil, propõe-se um planejamento pedagógico com a inserção de tópicos geográficos na forma de lúdicos e salas temáticas, de maneira que os alunos desde pequenos possam se familiarizar com termos geográficos tão presentes em nossa vida atualmente, como por exemplo, meio ambiente, desmatamento, geração de lixo, aquecimento global e outros, é possível também a adoção de material encartado como dever de casa que favoreça a atuação dos pais junto com as crianças na exploração de conceitos geográficos. Através de pesquisas, entrevistas, recortes para a formação de murais temáticos, apresentação de músicas com letras infantis ligadas a assuntos rurais e zoológicos, ciclo das águas, uso do solo dentre outros, pode se readequar materiais didáticos usuais para que sejam abordados também conteúdos geográficos. O emprego desse planejamento pedagógico será passível de ser avaliado por meio de acompanhamento diário das crianças, e de acordo com o interesse pelos temas abordados será possível um aprofundamento no conteúdo dos alunos da educação infantil, considerando os saberes prévios, porém



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

garantindo a construção do conhecimento quanto ao desenvolvimento da percepção de espaço, das associações mentais dos reflexos de direção e distância dentre outros. Por fim, na implementação de material didático adaptado à educação infantil com elementos de conceituação geográfica, os alunos poderão participar da organização das atividades, porém o professor deve ficar atento nos objetivos a serem alcançados, proporcionando assim uma interação entre professor aluno na forma de diálogo proporcionando uma aprendizagem desses conceitos já na educação infantil.

Resultados e discussão

Conteúdos Geográficos em Manifestações Culturais

Festa junina

Os temas geográficos passíveis de aproveitamento nas manifestações culturais locais, via de regra são muito ricos em detalhes que podem ser utilizados para enriquecer os conteúdos de sala de aula. Uma das mais tradicionais festas brasileiras, a festa junina, por exemplo, é permeada de conteúdos geográficos, tais como a relação entre o espaço urbano e o espaço rural, as comidas típicas do espaço cultural dessa festa e que hoje são encontradas em barracas nas cidades, como as bancas de milho verde, os carrinhos de pipoca são um exemplo que pode ser utilizado para explicar a relação entre a produção rural e as necessidades urbanas. Desse material pode ser proposta uma atividade lúdica envolvendo uma gravura de festa junina e uma gravura de uma feira de automóveis por exemplo, donde são recortados elementos dos ambientes rural e urbano para um jogo do tipo “De onde vem esse material ou esse objeto? Da roça? Ou da cidade? Esse material apresenta uma forma de ensinar os conceitos de zona urbana e zona rural, de forma a construir o conhecimento geográfico desde os primeiros anos da educação infantil.

Brincadeiras de roda

Nas brincadeiras de roda, onde se desenvolve dentre outros aspectos a socialização, há também um espaço cognitivo para explorar conceitos geográficos relativos ao movimento de rotação do planeta (Figura 1), bem como a noção inicial dos sentidos de rotação horário e anti-horário.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

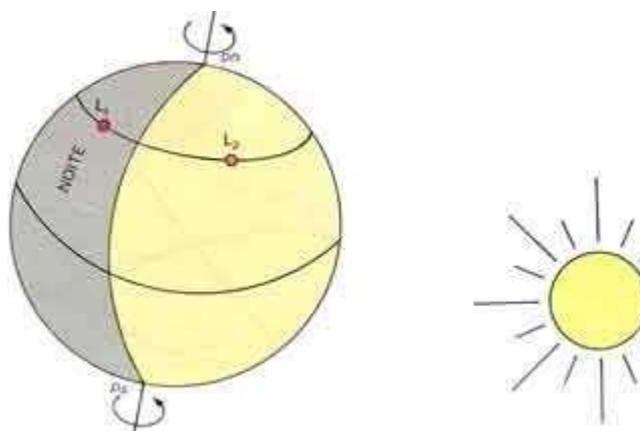


Figura 1. Esboço do sentido anti-horário de rotação da terra.

Fonte – Eduardo de Freitas. Disponível em: www.alunosonline.com.br/img/rotacao.jpg

As interrupções da cantiga com as respectivas inversões no sentido de giro da roda podem ganhar nova nomenclatura quanto ao lado em que a roda passará a girar, de forma a inserir o conteúdo geográfico do sentido de rotação da Terra, por exemplo: “Parou, agora todos rodam para o lado que a terra gira”, quando o sentido for anti-horário, e ou, “Parou, agora todos rodam para o lado que gira o ponteiro do relógio do papai”, quando a roda da cantiga girar no sentido horário. Essa simples inserção de conteúdo geográfico em nada afeta o caráter lúdico da brincadeira e ainda agrega valor cognitivo dos termos que poderão ser utilizados posteriormente. Essa mesma nomenclatura pode também receber os termos Leste e Oeste tal como segue: “Parou, agora todos rodam para o Leste”, quando o sentido for anti-horário, e “Parou, agora todos rodam para o Oeste”, quando a roda da cantiga girar no sentido horário.

Músicas infantis

Elementos musicais conhecidos e de alcance na percepção infantil tais como “Lavar as Mãos” de Arnaldo Antunes, abrem um importante espaço para a abordagem dos aspectos ligados à saúde pública e à preservação e conservação dos recursos hídricos, como se observa na transcrição abaixo:

*“Uma
Lava outra, lava uma
Lava outra, lava uma mão
Lava outra mão, lava uma mão
Lava outra mão
Lava uma
Depois de brincar no chão de areia a tarde inteira
Antes de comer, beber, lamber, pegar na mamadeira
Lava uma (mão), lava outra (mão)
Lava uma, lava outra (mão)*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*Lava uma
A doença vai embora junto com a sujeira
Verme, bactéria, mando embora embaixo da torneira
Água uma, água outra
Água uma (mão), água outra
Água uma
A segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira
Na beira da pia, tanque, bica, bacia, banheira
Lava uma mão, mão, mão, mão
Água uma mão, lava outra mão
Lava uma mão
Lava outra, lava uma”*

Composição: Arnaldo Antunes.

Após uma apresentação dessa música, pode-se fazer uma explanação acerca dos conceitos de saúde pública e higiene pessoal, abordando aspectos de como as doenças se espalham pelo território, e pelo aspecto da conservação de recursos hídricos, da importância de fechar a torneira quando estiver ensaboando as mãos para não faltar água para as outras pessoas (Figura 2).



Figura 2. Foto ilustrativa de crianças lavando as mãos com torneiras abertas, uma prática não recomendada para a conservação de recursos hídricos.

Elementos da paisagem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Elementos da paisagem local, principalmente os rurais possuem grande apelo didático e podem facilmente nos fornecer materiais úteis ao ensino de elementos geográficos ligados à ocupação do solo e às cadeias produtivas. Um recorte de uma fotografia de uma vaca em um pasto na zona rural, se transformado num quebra cabeças (Figura 3), com velcro ou do tipo imã de geladeira em tamanho grande, auxilia o desenvolvimento de vários aspectos cognitivos de forma atrativa aos pequenos educandos. Após a montagem das peças, os aspectos evidenciados da paisagem servirão como tela de explanação para a abordagem do tipo de uso do solo e da cadeia produtiva da pecuária bovina, como, por exemplo, as questões “Onde a vaca esta passeando, é na cidade? ou é na roça?”, ou ainda explicações sobre: “de onde vem o leite, de onde vem o queijo, o iogurte, a manteiga“, evidenciando aspectos produtivos que são explorados com o animal vivo, sem causar o trauma do tema relativo ao abate de animais, visto se tratar de público infantil.

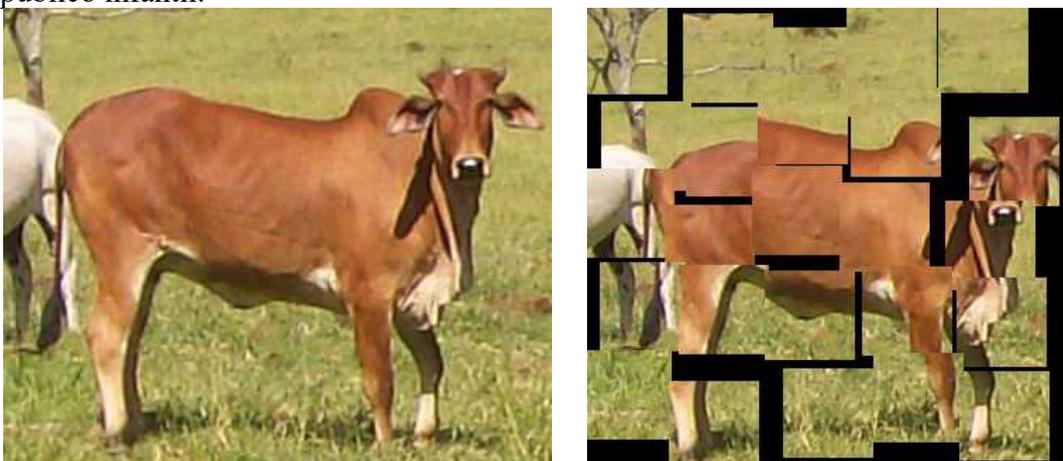


Figura 3. Vista de uma fotografia transformada em quebra cabeças, com uma cena da paisagem rural, ligada a aspectos ambientais do uso do solo e da cadeia produtiva da pecuária bovina.

Conclusões

A utilização de materiais didáticos para o ensino de conceitos e conteúdos geográficos na educação infantil baseados nas manifestações culturais pode ser muito valiosa no contexto da aprendizagem desde o primeiro contato com o mundo escolar. Contudo o uso de conteúdo geográfico na educação infantil, como apoio de bases geográficas para as séries iniciais pode servir como modelo a ser adotado pelos professores, e assim permitir um melhor aproveitamento de exemplos próximos, como ferramenta didática, para a formação do indivíduo crítico e consciente de que os problemas ambientais no mundo todo acontecem à volta de cada um de nós. Não são difíceis de criar, com poucas alterações, novas abordagens em linguagem infantil relacionadas a costumes e brincadeiras usuais do repertório das crianças, na atualidade podem ser exploradas com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

bom aproveitamento cognitivo. Percebeu-se ao longo do trabalho que há possibilidade de adaptação dos materiais didáticos usuais para uma linguagem com abordagem geográfica adequada à educação infantil. A adoção dessas adaptações em sala de aula aproxima o aluno da realidade ambiental em seu entorno e incute além da assimilação de conteúdos geográficos, a ideia da responsabilidade coletiva sobre os processos de degradação ambiental na atualidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Brasília: Mec, 2001. v. 5, 166p.

CALLAI, H. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTELLAR, S.M.V. **A alfabetização em geografia**. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FROEBEL, F. **A educação do homem**. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF. 2001.

MARQUES, M.O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan**. In Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica, V.1. Rio Claro, SP. AGETEO, 1976. V.25.

REGO, N. et al. **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Primeiros mapas: como entender e construir**. São Paulo: Editora Ática. Vol. 4., 1994.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade-mundo.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001. 155 fls.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZANATTA, B. A. **O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar.** Cad. CEDES, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 165-184, maio/ago. 2005.